

**A Criança no Mundo Imigrante Teuto do Rio Grande do Sul
Contribuição para uma História Social da Criança na América Latina**

Martin N. Dreher¹ - UNISINOS

1. Apresentação

A presente comunicação é amostra de pesquisa que estamos realizando na UNISINOS, sob o título acima. Valendo-se dos pressupostos da História Social e da História das Mentalidades, busca reconstruir história social da criança no seio da imigração alemã no Brasil. A importância de se privilegiar a criança advém do fato de as exposições sobre a História da Imigração terem dado destaque ao varão e, mais recentemente, em decorrência da discussão das questões de gênero, também à mulher, deixando-se, contudo, de lado a criança, considerada que era mera fase de transição ou de aprendizado, sem ser vista como sujeito histórico.

O mais tardar desde a publicação da obra de Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família* (1960), a criança deveria ter merecido a atenção dos pesquisadores da história da imigração e da colonização. É verdade que podemos contar com estudos reunidos por Mary del Priore em *História das Crianças no Brasil* (2004), e com o livro de Maria Luíza Marcílio, *História Social da Criança Abandonada* (1998), na qual autores nacionais poder-se-iam mirar em suas pesquisas.

Mesmo que a imigração alemã no Rio Grande do Sul tenha iniciado em 1824, as informações sobre crianças e jovens só começam a se avolumar a partir da década de 1860, quando sacerdotes jesuítas, pastores luteranos, professores saídos das fileiras dos legionários de 1851, os Brummer, e viajantes como Avé Lallement e von Tschudi começam a elaborar relatórios, nos quais vão descrever as crianças em relação às quais pretendem dar o melhor de si para inverter a situação, segundo eles "assustadora" com a qual se viram confrontados. Mais ricas e abundantes se tornam as fontes a partir dos relatórios e das fontes impressas produzidas pelos autores supra mencionados.

2. Crianças atravessando o Atlântico

Em 1824, o Major Jorge Antônio von Schäffer, representante brasileiro junto às cortes européias, recrutou imigrantes para o Rio Grande do Sul em presídios de Mecklenburg, na Alemanha. Em 23 de junho de 1824, saíram da Casa de Correção de Güstrow 77 homens, 23 mulheres e 33 *crianças*. O crime de muitos destes encarcerados foi o roubo de cavalo, crime contemplado com prisão perpétua, roubo de madeira...².

A notícia da existência de 33 crianças na Casa de Correção de Güstrow, majoritariamente, filhos e filhas de presidiários, mendigos e responsáveis por furtos, decorrentes da situação de miséria, leva-nos a perguntar pelas crianças na emigração.

É possível recuperar a memória dessas populações? Eles não faziam parte das populações de ilustrados; eram gente comum. Robert Darnton, *O grande massacre dos gatos* (2001), ensinou-nos, porém, que há importante fonte, através da qual os miseráveis dos séculos XVIII e XIX expressaram seus sentimentos. Essa fonte sempre de novo foi repetida nos núcleos de imigrantes alemães no Brasil. Estou falando dos contos narrados ao redor do fogão, nas cabanas camponesas, nas casas de miseráveis.

Num dos prefácios a uma coletânea de contos alemães³, deparei com o seguinte conto introdutório:

No período do inverno, quando certa vez houve neve profunda, um pobre garoto teve que sair e buscar lenha sobre um trenó. Quando a havia juntado e carregado, não quis seguir logo para casa, pois estava congelado, e pretendeu fazer fogo para se aquecer um pouco. Aí afastou a neve e enquanto limpava a terra, encontrou pequena chave dourada. Pensou que onde estava a chave também deveria estar a fechadura correspondente e cavou a terra e encontrou caixinha de ferro. “Tomara que a chave sirva!” pensou, “certamente há coisas preciosas na caixinha.”. Procurou, mas não havia buraco para a chave; finalmente encontrou um, mas tão pequeno, que mal o podia ver. Experimentou, e a chave serviu perfeitamente. Deu uma volta, e agora temos que aguardar, até que ele tenha terminado e aberto a tampa: aí experimentaremos que coisas maravilhosas se encontravam na caixinha.

As palavras introdutórias dos irmãos Grimm, dizem-nos da possibilidade do uso de seus contos como fonte não só para a mentalidade camponesa alemã, mas também para a situação de miserabilidade em que se encontrava a população autora dos contos. Há a pobreza do garoto, a necessidade da lenha e do fogo, o menino congelado. Essa população também sonha, com chaves douradas, com saídas que podem ser encontradas com seu

auxílio. Foram sonhos que ofereciam saída da situação de miserabilidade que impulsionaram miseráveis para o Brasil.

No caso das crianças, filhas de presidiários e presidiárias, sabemos que a decisão para a emigração não foi espontânea. Não coube aos pais nem às crianças. Houve apenas a opção de emigrar ou continuar no presídio. O trágico da situação destas crianças é que, majoritariamente, foram enviadas com seus pais para São João das Missões, no Rio Grande do Sul, colônia que não oferecia as mínimas condições. A miséria as acompanhou e não temos mais notícias sobre elas⁴. Na maioria das vezes, contudo, as crianças e suas mães tiveram que se curvar a uma decisão do patriarca. Eram eles que decidiam sobre a emigração. Estudo de Cléia Schiavo Weyrauch sobre a imigração alemã para o vale do Mucury, em Minas Gerais, calcado em diários de meninas, nos traz a seguinte citação:

“Nunca eu soube porque meu pai veio. Mas me lembro de que, à noite, vivíamos quase sempre quietos e sós, até que, certa feita, começaram a aparecer, todas as noites, homens que discutiam muito e muito conversavam. Cada vez surgiam mais homens. Eu não prestava atenção ao que falavam, mas notara que minha mãe passara a ficar calada e casmurra. Numa certa noite, os homens estavam muito alegres; trouxeram bebidas, cantaram e riram muito, se abraçando. Quando todos se retiraram, ouvi minha mãe, que sempre calava, dizer: ‘Não estou gostando dessa história de mudar para tão longe, para lugar que ninguém conhece...’. E meu pai respondeu: ‘Já calculamos e conversamos muito, nós homens achamos que é bom. Decidimos ir’.”⁵

Max Rothe, publica as seguintes palavras do imigrante Baldow:

“Nasci em Eichberg, sobre o Oder, distrito de Krossen, aos 16 de novembro de 1846. Como todas as crianças de meu tempo, vivi uma infância feliz, bem nutrido com batatinhas e papa de trigo. Frequentei a escola próxima, onde meu avô era o mestre. Não raras vezes tive desagradáveis contatos com a vara... Quando tinha 10 anos de idade, meu pai e alguns vizinhos, tomaram a decisão de emigrar e tentar a sorte em plagas remotas. Primeiramente, pretendiam rumar para a Austrália, mas quando lhes caiu nas mãos um folheto de propaganda fantástica e intensa, distribuído pela Firma ‘Schlobach & Morgenstern’, pintando ao Vale do Mucuri, no Brasil, como uma espécie de Eldorado, decidiram trocar a Austrália – terra do ouro, pelo Brasil – terra das palmeiras.”⁶

Todos, porém, pais, mães e crianças fizeram experiências dolorosas também na travessia.

A travessia do Atlântico nem sempre foi favorável à criança. A 8 de maio de 1824, o navio Germânia deixou o porto de Hamburgo. Neste veleiro de três mastros, comandado pelo Capitão Voss, embarcaram 124 colonos e 277 soldados, que seriam incorporados no Corpo de Estrangeiros, formado em 1823. Três semanas após haver deixado Hamburgo, o

veleiro ainda se encontrava em Glückstadt, sem poder entrar no mar, pois o vento lhe era contrário. A continuação da viagem só aconteceu a 31 de maio.

Durante a parada forçada em Glückstadt, nasceu Friederich Germanicus Bendixen, filho de Daniel Nicolaus Bendixen, de Coldenbüttel, no Holstein, mestre alfaiate, e de Maria Rosina, nascida Keyser, de Zelle, em Baden. A criança nasceu a 18 de maio e foi batizada a 1º de junho, pelo Pastor Johann Georg Ehlers, que acompanhava esse navio e seria o primeiro religioso acatólico no Rio Grande do Sul.

No dia seguinte, aconteceu o casamento dos pais e de mais três casais⁷. Ao analisar sexualidade, casamento e reprodução entre teuto-brasileiros de Curitiba, baseando-se em livros de casamento e de batismos da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Curitiba, Sérgio Odilon Nadalin⁸ constatou serem freqüentes os contatos pré-nupciais entre as comunidades de imigrantes. Tal freqüência só vai se alterar, em Curitiba, à medida em que as populações imigrantes vão se adequando aos costumes e tradições do mundo burguês. O mesmo pode ser constatado em relação a São Leopoldo.

Outro dos quatro casais, casado a 2 de junho, Johann Friedrich Jericke, de Quetz, junto a Leipzig, marceneiro, e Johanna Elisabeth Töde, de Hamburg, teve sua primeira filha, Paulina Dorothea Germania, nascida a 29 de junho, sendo batizada a 25 de julho. A criança faleceu a 4 de agosto de 1824, sendo sepultada no mar, no mesmo dia. Carta de Johann Friedrich Jericke, escrita no Rio de Janeiro a 2 de fevereiro de 1825, a seus familiares⁹, nos dá conta que a mãe não pôde amamentar a criança, pois “teve um seio ruim” (hat eine schlimme Brust bekommen). A criança teve que ser alimentada com pão e água de bordo, falecendo de subnutrição. O pai fez caixinha, na qual foi depositada e lançada ao mar.

Outra criança nasceu a 4 de setembro de 1824, Johanna Henriette, filha de Johann Wilhelm Weinmann, agricultor, de Niederhausen junto ao Nahe e de Maria Christina, nasc. Meier, natural de Lübeck. O batismo aconteceu a 12 de setembro. Também esta criança logo faleceria, no Brasil, talvez após a chegada ao Rio de Janeiro, “na Armação”, sendo sepultada “na Praya Grande”.

Por vezes, crianças morreram de inanição nos navios. Deprimente é a queixa apresentada por chefes de família, passageiros do bergantim “Carolina”, no qual foram embarcadas, a 15 de dezembro de 1825, no Rio de Janeiro, 57 famílias, num total de 287 pessoas, além de um avulso, todos entregues à extrema maldade do capitão. Seja mencionada uma passagem da *Submissa e muito obediente queixa de parte dos colonos em viagem do Rio de Janeiro a Porto Alegre*¹⁰:

De manhã cedo, nossas crianças, as que ainda estão em vida, choram gritando de fome, pois, até agora, nenhuma vez foram saciadas satisfatoriamente. Muitas destas crianças e também pessoas idosas, por não estarem acostumadas a esta vida ruim e inusitada, já estão doentes e serão, em breve, jogadas à água.

Alguns colonos não assinaram a carta. Se observamos os dados relativos a Johann Peter Müller, também passageiro do “Carolina”, entendemos a razão da não-assinatura. Johann Peter Müller partiu da Alemanha como chefe de uma família de cinco pessoas. Nascido em 1796 em Nohen, no Palatinado, casou-se com Maria Magdalena Schlemmer(n). Desta união resultaram os filhos Philipp Jacob, Maria Cristina, Maria Elisabetha e Maria Catarina Müller. Na viagem do Rio de Janeiro a Porto Alegre, morreram a esposa e a filha Maria Cristina. O próprio Johann Peter Müller faleceu em São Leopoldo a 15 de fevereiro de 1826, trinta dias após haver chegado à colônia (15 de janeiro de 1826). Presume-se que sua morte seja decorrente das misérias a que estiveram sujeitos os passageiros no “Carolina” e que já tenha estado tão adoentado ao chegar a Porto Alegre que já não teve mais condições de assinar. Entre os que estiveram no Carolina acontecem outros óbitos após a chegada a São Leopoldo. Hunsche constatou que no trecho entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre, morreram 20 pessoas. Ele não destaca quantas teriam sido crianças. Pudemos, contudo, constatar que Frederico Engers e Felipe P. Schmitt perderam, respectivamente, duas e uma criança.

A situação da criança na Colônia Alemã de São Leopoldo deve ter seu estudo continuado. Importante fonte para esse estudo são os livros de registro de Batismos, Casamentos, Confirmações e Óbitos da Comunidade Evangélica de São Leopoldo. Eles nos trazem dados a respeito de doenças infantis, da mortalidade entre crianças e são reveladores sobre a situação da menina. Para muitas delas, a infância terminava

precocemente. Entre 1824 e 1844, 8 das noivas tinham 14 anos e 16 delas 15 anos de idade. Em dois casos extremos, uma delas tinha 11 anos de idade, a outra 13 anos: tráfico de crianças (!) Estamos cientes de que estes dados não dizem tudo a respeito da criança. Nada dizem sobre seus folguedos, sobre os seus brinquedos, se é que estes puderam acompanhar a bagagem da família. Certo é que notícias sobre a sorte dos emigrantes chegaram à Alemanha, levando familiares a seguir o exemplo dos primeiros. Outras notícias levaram à publicação de livros, um deles, inclusive, destinado a crianças, no qual a emigração é desaconselhada em razão das dificuldades a serem enfrentadas.

3. O livro infantil

Em 1828, Amalia Schoppe, nascida Weise (1791-1858) teve publicado pela Editora de C.F.Amelang, em Berlim, o livro *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha, nebst noch andern moralischen und unterhaltenden Erzählungen für die geliebte Jugend von 10 bis 14 Jahren*. Às crianças são colocadas as razões da emigração que está ocorrendo e que leva incontáveis pessoas a procurar em outros continentes “alimentação e a subsistência necessária”. Muitos foram iludidos, pois ao invés de encontrar melhor sorte passaram fome, miséria e experimentaram escravidão. Outros experimentaram maravilhas. Esta situação é apresentada de maneira exemplar nas experiências da família de “pai Riemann”, viúvo, agricultor endividado e sem perspectivas, de Württemberg, pai de duas filhas e de dois filhos que emigram para o Brasil. Louvada é a virtude (Tugend).

A autora deve ser incluída no rol de mulheres escritoras do século XIX. Nascida em Burg, na Ilha Fehrmann, fundou e dirigiu escola para meninas em Hamburgo. De 1842 a 1845 residiu em Jena, voltando então a residir em Hamburgo. Em 1851 transfere-se para os Estados Unidos, onde reside filho seu, e funda escola para crianças alemãs. Falece em 1858 próximo a Nova Iorque. Autora de mais de 180 títulos, o livro “Die Auswanderer nach Brasilien...”, sua publicação de 1828, teve sua segunda edição alemã em 1852 e traduções para o Checo e o Francês. Sem jamais ter estado no Brasil, as informações que pôde colher sobre a emigração de alemães e as condições, nas quais se encontraram no Brasil, são

bastante ricas. Mesmo assim, na Alemanha há informações sobre emigrantes que se dirigiram ao Brasil, em maior número, desde 1818. Residindo em Hamburgo, tem informações muito próximas, pois de Hamburgo partem imigrantes e nesta cidade o Major Jorge Antônio von Schaeffer tem sua principal base de recrutamento de emigrantes e de soldados para o Brasil. Além disso, tem conhecimento das condições que estão levando pessoas a emigrar, da febre de emigração, da exploração que acontece nos navios, das condições em que são transportados os migrantes, da morte de migrantes e das condições reinantes no Brasil, onde nem todas as promessas governamentais são cumpridas. Na obra, fica evidente a postura da autora frente à escravidão, da qual se mostra feroz crítica. Mesmo que não se tenha conhecimento oficial da venda de imigrantes europeus em mercado de escravos no Brasil, sabe-se que muitos viveram em condição de semi-escravidão, mormente na Província de São Paulo, se bem que em período posterior ao que a autora está descrevendo¹¹. Charges publicadas na Alemanha, ao longo do século XIX, apresentam alemães como animais de tração, puxando carroças no Brasil¹². As informações de que a autora dispõe sobre o vale do Jequitinhonha devem ter sido tomadas de Maximiliano Príncipe von Wied-Neuwied, o qual entre 1815 e 1817 realizou pesquisa no litoral do Rio de Janeiro, Espírito Santo, seguindo, em Minas Gerais, o curso deste rio¹³.

O texto de Schoppe tem não só finalidade informativa, mas também formativa. Sua narrativa serve de lastro para seu objetivo maior: a narrativa moralizante, através da qual quer que se veja que a pessoa virtuosa, temente a Deus sempre encontra possibilidades de sucesso. Temos aqui tônica do Romantismo, da Restauração. Passados os horrores da Era da Razão, em que a revolução sangüinária foi exportada para toda a Europa, é tempo de restaurar, de retornar aos tempos anteriores à Revolução Francesa, quando havia pessoas virtuosas, tementes a Deus. Estamos convictos de que o discurso presente da obra de Amalia Schoppe é importante orientação para se compreender o discurso que, posteriormente, encontraremos, por exemplo, nas cartilhas preparadas para os filhos dos imigrantes no Brasil.

¹ Doutor em História da Igreja Pela Universidade de München. Professor no PPGH da UNISINOS/RS.

² Cf. SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil até 1859*. Tradução e apresentação de Martin N. Dreher. 2ª ed. São Leopoldo e Porto Alegre: Ed. UNISINOS e EDIPUCRS, 2003, p. 61-64.

³ BORCHERS, Elisabeth e Koeppen, Wolfgang (eds.). *Deutsche Märchen*. Frankfurt/Main: Insel Verlag, 1979, p. 1.

⁴ Cf. PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: S. Terezinha, 1934, p. 83-89.

⁵ WEYRAUCH, Cléia S. Pioneiros Alemães de Nova Filadélfia. Caxias do Sul: EDUCS, 1997, p. 256-257.

⁶ ROTHE, Max. 100 anos de Colonização Alemã em Teófilo Otoni Minas Gerais. Ijuí: Michaelsen, 1956, p. 50.

⁷ Os dados têm por base o Livro de Batismos número 1 e o Livro de Casamentos número 1 da Comunidade Evangélica de São Leopoldo/RS.

⁸ Sexualidade, casamento e reprodução, in: *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v.5, nº 2, jul./dez. 1988, p. 63-82.

⁹ Cópia encontra-se no Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros da UNISINOS.

¹⁰ Original no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Unterthänigst gehorsamste Beschwerde von Seiten der von Rio Janeiro nach Porto Negre gehenden Colonisten. Seguimos tradução de HUNSCHE, Carlos H. O Ano 1826 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Metrópole, 1977, p. 250-252.

¹¹ Cf. p. ex. a obra de ALVES, Débora Bendocchi. *Das Brasilienbild der deutschen Auswanderungswerbung im 19. Jahrhundert*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag, 2000.

¹² FREEDEN, Hermann von e SMOLKA, Georg. *Auswanderer. Bilder und Skizzen aus der Geschichte der deutschen Auswanderung*. Leipzig: Bibliographisches Institut [1937], p. 96.

¹³ OBERACKER, Carlos H. *A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1968, p. 255.